CRIANÇAS NO NOVO TESTAMENTO

Valmor da Silva

A maneira como o Brasil trata suas crianças levanta muitas preocupações. Manchetes sobre drogas, violência, chacinas de menores, vão tomando conta dos jornais. Isto sem contar a fome, as doenças, a falta de escolas, a manipulação da infância. E o futuro?

Vinte séculos separam nossa sociedade daquela em que Jesus viveu. Sua palavra e sua atitude para com as crianças podem nos alertar constantemente. Por isso, nunca é demais retornar sobre os textos bíblicos para que iluminem nossa situação.

Já fomos convidados, em outras oportunidades, a ler a Bíblia com diferentes óticas, tais como, do lugar das classes pobres, a partir das etnias indígenas, do ponto de vista da negritude, com olhar de mulher.

O presente texto lança um convite a ler a Bíblia com olhos de criança. Embora seja um texto de adulto, e para pessoas adultas, quer levantar a seguinte pergunta: como seria uma interpretação da Bíblia a partir da defesa de menores?

A visão deste artigo vai se limitar ao Novo Testamento. Vai se restringir ainda aos textos em que aparecem crianças de maneira explícita. Busca, portanto, apenas a presença da garotada. Como seria a pergunta pela sua ausência? O objetivo, enfim, aqui proposto, é apenas o de fazer um levantamento sobre o material, abrindo espaço para leituras e interpretações que podem se estender posteriormente.

Começamos pelos evangelhos da infância porque trazem principalmente histórias de crianças e de mães. São narrativas bem ao sabor das crianças, com aparições de anjos, nascimentos extraordinários, sonhos e fantasias. Repletos de poesia, causam a maior emoção do nosso Natal. Mas apresentam também uma nova cristologia, a salvação por meio da criança.

Vai nascer o menino profeta

Mais tarde ele ficará conhecido como João Batista. O seu nascimento é anunciado pelo anjo Gabriel, a Zacarias, no Templo (Lc 1,5-25). Zacarias era já idoso, assim como a esposa, Isabel, que além disso era estéril. Estéreis haviam sido também Sara, Rebeca, Ana e outras mulheres da Bíblia.

Com o anúncio do nascimento deste menino, a história vai começar uma reviravolta. A oração dos oprimidos é ouvida, a vergonha da esterilidade se acaba, o sacerdócio do templo fica mudo, a alegria do povo aumenta, a profecia passa a atuar com toda a intensidade. No seu programa de vida consta a recuperação das famílias,

na esteira do profeta Elias, "a fim de converter os corações dos pais aos filhos" (Lc 1,17). Está aberta a porta para a chegada de Jesus.

Por tudo isso tal nascimento traz alegria geral para a vizinhança e parentagem (Lc 1,57-58).

Com uma semana apenas o menino é circuncidado (Lc 1,59-66). Para lembrar que "Javé é misericordioso" a mãe lhe dá o nome de João, nome que o pai confirma escrevendo numa tabuinha. É um nome diferente, para dizer que com este Joãozinho vai começar a grande novidade. A compaixão de Deus sobre a criança até desata a língua muda do pai.

E o garoto vai para o deserto (Lc 1,80). Era assim que se preparavam as grandes missões.

Vem o messias criança

O mesmo anjo Gabriel traz a mensagem do nascimento do messias (Lc 1,26-38). Maria, a mãe do menino, é quem deve dar-lhe o nome, Jesus, cujo significado traz já em si a salvação. De fato a salvação está plenamente nesta criança, como vão declarar Ana e Simeão. Pelo resgate das crianças somos salvos, sem necessidade de mais sacrifícios. Cruzes! Pois, como diz a Nancy Cardoso Pereira: "O messias precisa sempre ser criança".

José vai ser o pai do menino, por que não?

O menino precisava de um pai, e José aceita essa função (Mt 1,18-25). Por isso, no texto de Mateus, é José quem dá o nome a Jesus. Ele assume a paternidade legal. Sem o pai, a criança não existia socialmente, não tinha reconhecimento público. Daí a importância desta adoção para que o menino fosse gente, não permanecesse uma criança sem pai, e portanto sem identidade.

O priminho se mexeu na barriga da mãe

Maria, grávida, vai com pressa visitar a prima Isabel, também grávida (Lc 1,39-45). Perfaz um caminho longo e perigoso, através das montanhas. Com razão Isabel grita ao saudá-la: "bendita entre as mulheres". Assim foi saudada Jael, a mulher guerreira dos tempos tribais (Jz 5,24). Maria ainda se demora por três meses, atendendo ao parto e ao resguardo da prima. Cena típica de mães que geram vida!

Nascimento numa difícil conjuntura

No contexto de um censo imperial Jesus nasce (Lc 2,1-7). Nasce como migrante, forçado a viajar, desprotegido, como tantas crianças vítimas da dominação. O recenseamento visava contar as pessoas para saber quantos impostos iam ser arrecadados. Não poupava sequer uma mulher grávida, já às vésperas de dar à luz.

Muita festa e cantos para o menino

Lucas realça o contexto de alegria que o nascimento de Jesus provoca. As manifestações provêm de vizinhos e parentes, jovens e velhos, mulheres e homens, coros de anjos. De maneira diversificada, tudo contribui para este clima de festa em torno ao menino que nasceu.

Isabel, a tia, saúda a mãe do menino gritando: "bendita entre as mulheres" (1,42).

Maria, a mãe, louva a Deus porque "socorreu Israel, seu servo" (Lc 1,54).

Zacarias, o tio, solta a língua da profecia bendizendo a Deus "porque visitou e redimiu o seu povo" (Lc 1,68).

Pastores pobres e humildes são os primeiros a receber a notícia do nascimento e saem "glorificando e louvando a Deus" (Lc 2,20).

Simeão, idoso, toma o menino no colo, reconhece nele a salvação e exclama realizado: "agora posso morrer em paz" (Lc 2,29). Depois reconhece que o menino será "como um sinal de contradição" (Lc 2,34).

Ana, a velhinha profetisa do templo, agradecida, divulga a surpresa (Lc 2,38).

Tem até visita de magos do Oriente

Jesus menino atrai até mesmo os magos de terras distantes (Mt 2,1-12). Dedicados aos estudos dos astros, esses homens seguem a estrela do messias e vão oferecer-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Representam, os magos, a população pagã que acolhe a alegre notícia. Simbolizam portanto os povos todos que anseiam por um reinado com direito e justiça.

Mas há um rei que estraga a festa

Herodes, alarmado, decreta uma matança geral de meninos (Mt 2,1-23). O rei poderoso, cruel e controlador, sente-se ameaçado pela simplicidade da criança. Esta história era já velha, estava na memória das pessoas, sempre recordando a escravidão do Egito, onde havia um faraó que jogava meninos ao rio. O gesto cruel é repetido agora por Herodes, "o rei que tinha medo de crianças", no dizer de Nancy Cardoso Pereira e Adriana Caram. Para pessoas como Herodes, criança representa ameaça, perigo, instabilidade.

Do Egito chamei meu filho

Primeira conseqüência da atitude do rei mau é a fuga de José e Maria com o menino (Mt 2,13-15). Outra vez o relato espelha a história de Moisés, o menino salvo das águas do rio Nilo. Assim Jesus, o novo Moisés, vai ser chamado do Egito para realizar um novo êxodo, libertação total.

Raquel chora seus filhos

Há muito choro e lamento pelos filhinhos mortos (Mt 2,18). São as lágrimas de mães que não querem consolo, pois os seus filhos não mais existem. Quem enxuga o pranto das mães? Quem restitui a vida dos filhos e filhas?

Mateus assinala esta realidade com outra recordação passada. Raquel foi mãe de José e avó de Efraim. Como Efraim representa, para Jeremias, o reino de Israel, o profeta trouxe a mãe ideal de Israel para chorar a deportação das tribos do norte para a Babilônia, em 720 aC. A mãe ideal representa agora o choro de todas as mães que recusam o consolo pelos filhos desaparecidos.

O menino dá lição nos doutores

Aos doze anos de idade vamos encontrar Jesus menino entre os doutores, no templo (Lc 2,41-50). A agitação geral, em época de festa, atiçava a curiosidade, sobretudo das crianças. E Jesus se envolve nas conversas sobre religião, deixando os grandes embaraçados. Não é pouca a preocupação dos pais, em três dias de procura. E a resposta do garoto à repreensão da mãe a deixa certamente muito encabulada.

Feliz a maternidade do menino

Uma mulher anônima, do meio da multidão, proclama uma bem-aventurança para a mãe de Jesus, estando ele já em plena pregação (Lc 11,27).

Num gesto corajoso e profético, ela irrompe no meio da multidão com um grito surpreendente e destemido. Faz uma bem-aventurança para o útero que engendrou Jesus e para os seios que lhe deram de mamar. É um elogio à sexualidade, à saúde da mãe que possibilita a vida do filho, como diz Ivoni Richter Reimer.

Jesus curava meninos

A vida de Jesus adulto registra vários contatos com crianças. Concede-lhes valor exemplar. Em destaque, os casos de curas.

Aquele menino sofria muito, com uma doença complicada, da qual Jesus o liberta (Mt 17,14-20; Mc 9,14-29; Lc 9,37-42).

Com pequenas variantes, os três evangelhos sinóticos apresentam o menino com características de epilepsia. Ele cai no chão, na água ou no fogo, espuma, range os dentes, enrijece o corpo, fica atordoado. Mateus diz que ele é lunático, já em Marcos ele é mudo ou surdo-mudo, enquanto para Lucas ele solta gritos. O terceiro evangelista frisa ainda que ele é filho único. Segundo a mentalidade corrente, as narrativas atribuem a doença do garoto a um espírito de impureza ou a um demônio. Em todos os casos temos um pai aflito, anônimo, e cheio de fé. Temos também os discípulos incapazes, justamente pela falta de fé. E temos a presença de Jesus que, pela aproximação do menino, o cura totalmente de sua doença.

Cura também o filho de um funcionário real, de Cafarnaum (Jo 4,46-54). Atendendo ao pedido confiante do pai do menino, Jesus lhe diz "vai, o teu filho vive", e na mesma hora o filho sente-se melhor. Assim toda a família crê, pela cura da criança.

Esta mesma recuperação da saúde tem paralelos nos evangelhos de Mateus e Lucas (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10). Algumas diferenças porém caracterizam a leitura comparativa. O pai do menino, em Mateus e Lucas, é centurião romano, portanto militar e estrangeiro. Por sua vez o menino, para João, é mesmo uma criancinha (*paidíon*) e é filho do funcionário real. Já para os outros dois evangelistas é servo (*pais*). Ambas as palavras, contudo, sugerem posição humilde e serviçal na sociedade, e ambas podem significar tanto filho como escravo.

Curava meninas

A menina do chefe da sinagoga já estava à beira da morte, Jesus vai levantá-la (Mt 9,18-26; Mc 5,21-43; Lc 8,40-56).

Novamente um pai aflito, com total confiança, suplica pela sua filha. Marcos e Lucas desenvolvem mais o episódio, dando inclusive o nome do pai, Jairo, e a idade da menina, doze anos. Marcos reveste de mais emoção a súplica de Jairo pela sua "filhinha", enquanto Lucas detalha que era "filha única". Os três sinóticos inserem a cura de outra mulher, a hemorroíssa, dentro desta narrativa.

A cena do milagre é íntima e familiar. Acompanhado pelo pai e pela mãe da menina, além dos três discípulos de mais confiança, Jesus entra no quarto dela e segura a sua mão. Isso tendo antes passado pelo alvoroço da multidão que já pranteava a morte e que zombava ao ouvir Jesus dizer: "a criança não morreu, está dormindo". Maior foi o assombro ao ordenar: "menina, levanta-te". E a preocupação final de Jesus revela sua fina sensibilidade, mandando que dessem de comer à menina.

Outra menina é curada, a filha da mulher siro-fenícia, ou cananéia (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30).

O episódio se passa em terra estrangeira, na região de Tiro e de Sidônia. Uma mulher anônima, grega, siro-fenícia, segundo Marcos, e cananéia, conforme Mateus, pede pela saúde de sua filha. A iniciativa da mulher é ousada, argumentando com Jesus a ponto de vencer a discussão e de convencê-lo a realizar um milagre em favor de sua menina. Marcos sublinha carinhosamente que se trata da "filhinha" da mulher estrangeira. Enfim, as crianças conduzem toda a atenção do texto. A preocupação da mãe é a saúde da filha, e Jesus, enfim, cura a menina em atenção à fé dessa mãe confiante.

E adolescentes

Jesus ressuscita o jovem filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17). O episódio é exclusivo do terceiro evangelista.

Saía da cidade um cortejo fúnebre. Levavam um morto, filho único de mãe viúva. Muito choro! Entrava na cidade o cortejo de Jesus. No encontro destas duas procissões, às portas da cidade, acontece a vida. Jesus se comove pelas lágrimas da mãe viúva, e por sua compaixão toca o cadáver. Enquanto a lei prescrevia que quem tocasse um morto ficava impuro, o toque de Jesus reverte a situação e transmite vida. Daí a sua palavra: "Jovem, eu te ordeno, levanta-te!" Este jovem era um *neanískos*, isto é, um adolescente.

Multiplica os pães de um menino

A solução para a fome da multidão faminta estava nas mãos de um garotinho, conforme a narrativa de Jo 6,1-15.

Lançando os olhos sobre a multidão, Jesus pensa na falta de pão e se dirige a Filipe. O discípulo logo se preocupa com o alto custo. André tem uma intuição: "Há aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas o que é isso para tantas pessoas?" (Jo 6,9). Percebendo ali a solução, Jesus manda que se assentem, e a multidão acaba saciada. Recolhem as sobras, doze cestos. Eram aproximadamente cinco mil pessoas, contando só os homens. Número semelhante encontramos também nas demais multiplicações (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44). Mas é só o evangelho de João que se lembrou daquele garotinho perdido no meio da multidão, com seus parcos pãezinhos. Para descrevê-lo o quarto evangelho usa uma palavra exclusiva, *paidárion*, que significa menininho, criança, até jovem, ou também servo.

Traz exemplos da vida das crianças

Se vocês, maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai... (Mt 7,7-11; Lc 11,9-13).

Conhecendo as relações entre pais e filhos, Jesus apela para esse exemplo a fim de falar do relacionamento com Deus. Ele sabe que as relações entre paternidade ou maternidade e filiação superam tudo. Sabe que as crianças são objeto de atenção e bons tratos, mesmo que os pais ou mães sejam maus.

Com quem vou comparar esta geração? São como crianças sentadas nas praças (Mt 11,16-19; Lc 7,31-35).

Para descrever o comportamento das autoridades, Jesus usa o exemplo das crianças brincando nas praças, nesse caso brincando de casamento e de enterro. Crianças mal humoradas diante dos coleguinhas, assim são os chefes, no seu infantilismo, acusando João Batista de possesso e Jesus de beberrão.

Um copo d'água fria, a um desses pequeninos, não perderá a sua recompensa (Mt 10,42; Mc 9,41).

Os pequeninos (*mikroi*) são aqui os discípulos, com os quais Jesus se identifica.

O reino revelado aos pequeninos

Num momento de alegria, Jesus agradece ao Pai, por ter revelado estas coisas aos pequeninos (Mt 11,25-27; Lc 10,21-22).

O contraste é entre esconder e revelar. E a realidade é escondida dos sábios e inteligentes, e revelada aos pequeninos. Maior contraste não poderia haver. A palavra usada aqui para pequenino é *népios*, que tem o sentido de infante, menor, com as implicações de indefeso, inexperiente e simples, tendendo mesmo para a estultície. Define, com isso, as pessoas mais capazes de entender a mensagem do reino. A mensagem de Jesus segue a lógica de privilegiar os simples. Por quê? "Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado".

Se vocês não se tornarem como as crianças

Ser criança é, para Jesus, a condição primeira para participar do seu reino (Mt 18,1-4; Mc 9,33-36; Lc 9,46-47).

A explicação se dá justamente em resposta a uma discussão surgida entre os discípulos. O interesse deles era saber quem seria o maior no reino dos céus. Jesus responde concretamente, chamando uma criança e mostrando de maneira visível quem é de fato o maior. Colocou a criança no meio deles, segundo Mateus; e tomou-a nos braços, de acordo com Marcos, pois estava sentado; e para Lucas colocou a criança ao seu lado. E então, apontando para a criancinha, bem concreta, condiciona a participação no reino ao tornar-se criança.

Depois insiste em que receber uma criança é o mesmo que receber a Jesus (Mt 18,5; Mc 9,37; Lc 9,48). Com variantes nas palavras de Jesus, os três evangelistas apresentam a criança como o símbolo máximo do reino dos céus. Todos usam a mesma palavra para criança, *paidíon*, que significa criancinha ou infante, com menos de sete anos de idade.

Ai de quem escandalizar um destes pequeninos

Outra palavra de Jesus, ligada a receber a criança, refere-se a não escandalizar os pequenos (Mt 18,6-7; Mc 9,42; Lc 17,1-2).

Pequeno (*mikrós*) é sempre um critério básico para o projeto de Jesus. Agora a ameaça fatal se dirige a quem colocar pedra de tropeço no caminho destas pessoas de fé. A imagem usada se reveste de brutalidade, ser lançado ao mar com uma pedra de moinho ao pescoço. Tamanha é a importância dos pequeninos para Jesus!

Deixem as crianças vir a mim

Uma das cenas mais típicas do evangelho é esta, Jesus acariciando crianças no seu colo (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16; Lc 18,15-17).

A cena segue esquema semelhante nos três sinóticos. Começa com pessoas anônimas que trazem criancinhas a Jesus. As palavras usadas são: *paidíon*, criancinha, em Mateus e Marcos, e *brephos*, isto é, bebê, em Lucas. As crianças eram trazidas para que Jesus lhes impusesse as mãos e rezasse (Mateus) e para que as tocasse (Marcos e Lucas). Mas os discípulos as repeliam, ou seja, repreendiam e as afastavam com aspereza. Refletem certa mentalidade corrente no mundo de então. Jesus reage indignado e manda abrir caminho para as crianças, com a mais forte razão possível, porque delas é o reino dos céus. E acrescenta novamente a condição para pertencer ao reino, tornar-se criança. Enfim lhes impõe as mãos (segundo Mateus) e as abraça, abençoa e impõe as mãos (em Marcos).

Da boca dos pequeninos e das criancinhas de peito

Quando Jesus expulsa os vendilhões do templo, o primeiro evangelista recorda crianças clamando: "Hosana ao filho de Davi!" (Mt 21,12-17).

Os chefes dos sacerdotes e os escribas ficam indignados, exatamente pela cura de cegos e coxos, em pleno templo, e pela aclamação do coro infantil. A resposta de Jesus cita o Sl 8,3, adaptando a versão grega, dos Setenta: "Da boca dos pequeninos e das criancinhas de peito preparaste um louvor para ti". A boca das crianças questiona os adultos em sua atitude e mesmo em sua maneira de pensar.

Nicodemos tem que nascer de novo

Nicodemos, fariseu notável, vem se encontrar a sós com Jesus à noite, e Jesus apela para um novo nascimento (Jo 3,3-8).

A conversão proposta por Jesus é a transformação radical de todo o ser. Este processo leva a um compromisso totalmente novo. Para descrever esta mudança, nada melhor que a imagem do nascimento. Por isso a linguagem de Nicodemos revela a compreensão desta crua realidade, sendo já velho, entrar uma segunda vez no seio da própria mãe e nascer de novo.

O princípio das dores

Os discursos escatológicos descrevem a nova realidade que está para vir, com a imagem do parto (Mt 24,4-14; Mc 13,5-13; Lc 21,8-23).

A comparação é já antiga e foi aplicada principalmente pelos profetas. A humanidade precisa passar por uma transformação radical. As desgraças acontecidas são interpretadas como dores de parto. Destas dores deve nascer o novo mundo. Essa novidade seria a era paradisíaca, messiânica, escatológica.

Também no quarto evangelho há a mesma referência à mulher que nem se lembra dos sofrimentos diante da alegria de ter dado à luz uma criança (Jo 16,21).

Igualmente na parábola do juízo final, o critério de julgamento é: "o que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,40).

Um jovem foge nu e aponta para a ressurreição

No contexto de abandono dos discípulos, Marcos registra um episódio, único exclusivo do seu evangelho, que mostra a fuga de um jovem nu (Mc 14,51-52).

Todo o vocabulário usado na frase tem relação direta com a sua descrição da ressurreição de Jesus, o que faria deste rapaz uma espécie de prefiguração do evento máximo do evangelho. O Jovem é um adolescente (*neanískos*), assim como aquele encontrado no túmulo de Jesus ressuscitado (Mc 16,5). Como o jovenzinho estava *enrolado* num lençol, assim também o adolescente à entrada do túmulo está *enrolado* numa túnica branca. O *lençol* que envolve o seu corpo nu é como o *lençol* que vai envolver o corpo nu de Jesus, ao ser sepultado.

Filhos e filhas profetizarão

Os inícios da Igreja são vistos como uma efusão do Espírito, um verdadeiro Pentecostes, apresentado no discurso de Pedro em Jerusalém (At 2,14-36). O Pentecostes é uma releitura da profecia de Joel (Jl 3,1-5) seguindo a tradução dos Setenta, onde a efusão do Espírito devia renovar a vida do povo.

A novidade, já no texto de Joel, é a extensão do Espírito aos filhos e filhas, jovens e velhos, servos e servas. Dentro do nosso campo de interesse, destaca-se o dom da profecia difundido aos filhos e filhas, bem como aos jovens (At 2,17). Trata-se de uma renovação total e de uma supervalorização da adolescência (*neanískoi*) e juventude (*uioi* e *thugatéres*).

Êutico, o adolescente felizardo

Atos dos Apóstolos conserva ainda uma daquelas cenas trágicas e ao mesmo tempo cômicas, em que Paulo fica discursando quase uma noite inteira. Não agüentando mais de sono, um rapazinho cai do terceiro andar. Estando já morto, é ressuscitado por Paulo, o que vem a causar finalmente grande reconforto (At 20,7-12).

A ressurreição do moço, no contexto de uma fração do pão, relaciona a eucaristia com a vida plena, do ressuscitado. Trata-se de um jovem em At 20,9 (*neanías*) ou de uma criança em At 20,12 (*pais*). Também o seu nome, Êutico, originalmente se reveste de um significado especial, feliz, próspero, ainda mais significativo aqui, considerando-se que no final a sua vida é causa de conforto geral.

Filhos adotivos e herdeiros de Deus

Para descrever a situação da pessoa justificada pela fé, Paulo adota várias imagens do mundo da infância. A pessoa conduzida pelo Espírito torna-se filha de

Deus (Rm 8,14-17). Recebe daí uma adoção efetiva, que a faz clamar *Abba*! Pai! da mesma forma como uma criancinha se dirige ao seu papai ou ainda do jeito como Jesus se dirigiu ao seu Deus. Outra passagem paralela a essa, em que podemos chamar a Deus *Abba*, é Gl 4,6. Jesus se dirige ao Pai como *Abba* no Getsêmani, conforme Mc 14,36.

Em Romanos, Paulo prossegue descrevendo os gemidos de toda a criação (Rm 8,18-27). Como a humanidade é uma criança que grita no clamor do Espírito, assim também a natureza geme com dores de parto no gritar humano. Há no texto uma progressão que integra, na imagem do parto, a natureza que geme, nós que gememos, e o Espírito que geme. O universo inteiro está integrado num só gemido que prepara o grito de um novo nascimento.

A imagem da filiação continua quando Paulo considera os verdadeiros descendentes, refletindo sobre os filhos naturais e os filhos da promessa (Rm 9,1-13).

Volta de novo à nossa adoção filial ao afirmar que o Pai "nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo" (Ef 1,5).

Quando eu era criança, falava como criança

Noutra figura Paulo contrasta a realidade da criança com a realidade da vida adulta (1Cor 13,11).

O contraste real se dá entre a infância (*népios*), ou seja, a inocência, e a vida adulta, isto é, a pessoa que se esquece da simplicidade infantil. No contexto da excelência do amor, a imagem da inocência ilustra o que é passageiro, em vista do valor máximo, a caridade. Mas exprime também o sentimento de pena porque a pessoa adulta se esquece da sua infância.

Comparação semelhante aparece no adulto que pode comer alimento sólido, em contraste com o bebezinho que ainda tem que mamar (Hb 5,13). Neste contexto, contudo, o apelo aos nenês evoca ironicamente a necessidade de as pessoas adultas voltarem a tomar leite, para assimilar os rudimentos da doutrina da justiça.

Paulo apóstolo, pai e mãe

A imagem do pai que gera e educa a seus filhos serve muitas vezes para o apóstolo Paulo se dirigir às comunidades e às pessoas por ele evangelizadas.

À comunidade de Corinto, que vivia em rixas, Paulo sente necessidade de falar como a crianças em Cristo. Incapazes de comer alimento sólido, estão ainda carentes de beber o leite materno (1Cor 3,1-4). Logo os conclama à imitação, qual pedagogo modelo, verdadeiro pai destas pessoas, para exortá-las como a filhos amados (1Cor 4,14-17). Aconselha-os ainda a serem como crianças, isto é, sem malícia, porém, quanto ao modo de julgar, que não sejam crianças (1Cor 14,20). Advertindo a mesma comunidade, mais adiante, abre o seu coração e apela para que o coração de seus filhos também se dilate, pagando com igual retribuição (2Cor 6,11-13).

Paulo mantém a sua relação de paternidade também para com a comunidade de Tessalonicenses. Assim, com seus colaboradores Silvano e Timóteo, exorta-os como um pai a seus filhos (1Ts 2,11). Mas no mesmo contexto ele é também uma mãe que acaricia os filhinhos (1Ts 2,7).

E ainda sofre novas dores de parto para formar o Cristo na comunidade de Gálatas (Gl 4,19).

Timóteo, colaborador sempre fiel, fora circuncidado por Paulo em Listra, e ficará unido fraternalmente a ele. Recordando esta geração espiritual, e a fidelidade com que Timóteo abraçou a causa do evangelho, várias vezes o apóstolo o chama de Filho (1Cor 4,17; Fl 2,22; 1Tm 1,2.18; 2Tm 1,2; 2,1).

Igualmente Paulo chama de filho na fé ao companheiro e colaborador fiel, Tito (Tt 1,4). Esse cumpriu missões difíceis, granjeando a confiança total do apóstolo.

Paulo suplica ainda de maneira veemente em favor do filho Onésimo, gerado na prisão (Fm 10).

Filhos, obedeçam a seus pais

Outros textos, deuteropaulinos, enfatizam o relacionamento entre pais e filhos, recordando o mandamento do decálogo que assegura as relações familiares (Ef 6,1-4; Cl 3,20-21).

Embora os textos em questão possam dar margem a polêmicas, e apesar de estarem num contexto de acomodação às estruturas sociais da época, podemos descobrir neles muita novidade. Em ambos há uma chamada aos pais com relação aos seus filhos, a fim de incentivá-los, sem causar-lhes irritação. Em Efésios vem citado explicitamente: "honre seu pai e sua mãe", como o *primeiro* mandamento. Isto enfatiza as novas relações familiares, valor máximo, recuperando os laços das famílias e clãs na Bíblia Judaica. Além disso, é lembrada explicitamente a promessa de posse da terra, com vida longa e feliz. Tudo isso nos leva ao contexto da sociedade familiar tribal, onde as relações familiares se opunham ao modelo da monarquia faraônica.

Desejem, como crianças, o leite puro da palavra

As pessoas que experimentaram a bondade do Senhor são crianças recém-nascidas para uma vida nova. Agora, bebezinhos, devem desejar o leite puro da palavra, a fim de crescer para a salvação (1Pd 2,1-2).

Novamente o símbolo de quem adere à vida cristã é a criancinha mamando o leite materno, uma metáfora cara a Paulo, como já vimos em 1Cor 3,2 e em outras passagens. Em sua inocência infantil, a avidez instintiva leva a criança a sugar o leite que a nutre e faz crescer. Esta simplicidade é realçada pela antítese com os vícios de adultos. O contraste não podia ser maior, opondo os desvalores dos grandes, maldade, mentira, hipocrisia, inveja, maledicência.

Filhinhos, vocês são de Deus

As três epístolas de João, de maneira muito insistente, dirigem-se à comunidade como a filhinhos (1Jo 2,1.12.14.18.28; 3,7.18; 4,4; 5,21; também 2Jo 1; e 3Jo 4).

Todo o tratamento, nessas epístolas, é de afeto paterno ou materno. As palavras empregadas para qualificar as pessoas às quais se destinam são selecionadas do vocabulário da infância. Ora são exortadas como criancinhas (*paidíon*), ora como crianças (*téknon*), e principalmente como criancinhas (*teknío*n), diminutivo relacionado a creche.

A busca dessa relação filial reflete um método pedagógico próprio para solucionar, com o carinho e o afeto, os vários conflitos que envolviam as comunidades.

Nasceu o filho da mulher

Num de seus lindos retratos da nova humanidade, o Apocalipse mostra a mulher pronta para dar à luz, o dragão querendo devorar-lhe o filho, a criança nascendo sob a proteção de Deus, e a mulher revivendo a libertação no deserto (Ap 12,1-6).

Mulher gerando vida e bebezinho nascendo! Por um lado a novidade que irrompe, por outro o instante frágil que inspira cuidados. Bem defronte, o dragão devorador de crianças! É a bestialidade imperial, além da repressão às comunidades nascentes. Mas a vida é mais forte! Deus opta pela parturiente e pelo seu recém-nascido. A salvação está assegurada.

Bibliografia consultada

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. Edições Paulinas, São Paulo, 1990. 1631 p.

A Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas, São Paulo, 1986. 2366 p.

ALAND, Kurt. *Synopsis quattuor Evangeliorum*. 10ª edição, Deutsche Bibelstiftung, Stuttgart, 1976. 590 p.

BRAUMANN, G. e BROWN, C. Criança, menino, servo, filho, adoção. In: BROWN, Colin (ed.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. I.* Edições Vida Nova, São Paulo, 1984. p. 545-555.

DATTLER, Frederico. *Os evangelhos da infância de Jesus segundo Lucas e Mateus*. Edições Paulinas, São Paulo, 1981. 162 p.

MESTERS, Carlos. Reconstruir a casa – Jesus defende a vida das crianças, dos pequenos. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1996, n. 50, p. 75-84.

MOULTON, W.F.; GEDEN, A.S. e MOULTON, H.K. *A concordance to the Greek Testament*. 5ª edição, T. & T. Clark, Edinburgh, 1978. 1110 p.

PEREIRA, Nancy Cardoso. O messias precisa sempre ser criança. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1996, n. 24, p. 18-26.

PEREIRA, Nancy Cardoso e CARAM, Adriana. *Uma criança nos guiará*. Editeo, São Bernardo do Campo, 1993. 63 p.

PONICK, Edson; WACHS, Manfredo C.; KLEIN, Remí e KANITZ, Sônia I.. *Crianças na Bíblia*. Editora Sinodal, São Leopoldo, 1993. 92p. (Educação Cristã e Criatividade, 2).

REIMER, Ivoni Richter. Gerar, parir, cuidar – Experiências de vida e morte... também na escatologia. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 1996, n. 50, p. 65-74.

REYES ARCHILA, Francisco. Voltar a ser crianças, uma bela utopia. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1996, n. 24, p. 53-70.

WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças – Subsídios bíblicos para estudo e pregação*. Tradução do inglês, Annemarie Höhn. Editora Sinodal, São Leopoldo, 1996. 94 p. (Estudos Bíblico-Teológicos – NT, 9).

Valmor da Silva
Rua Bento Coelho da Silveira, n. 100, ap. 82
São Paulo – SP
04330-080